

RESPOSTA AOS CONFUSIONISTAS DO ANARQUISMO

Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro [Dielo Truda]

INTRODUÇÃO: O CERNE DO PROBLEMA

Os debates provocados pela “Plataforma Organizacional” até agora diziam respeito, sobretudo, aos diversos de seus argumentos, ou, então, ao projeto de organização proposto por ela. A maioria de seus críticos, bem como vários de seus partidários, nunca abordaram de maneira clara o problema *das premissas* da Plataforma; jamais buscaram descobrir quais foram as forças que reclamaram sua publicação, qual foi o ponto de partida adotado por seus autores. No entanto, essas questões são da maior importância para aqueles que querem compreender o espírito e o sentido da Plataforma.

A “Resposta à Plataforma” de Volin e alguns outros anarquistas – recém-publicada e que tenciona refutá-la completamente –, malgrado tanto o zelo aplicado nessa tarefa quanto suas pretensões de ler “entre as linhas”, não foi mais que uma banal polêmica contra argumentos examinados isoladamente; essa resposta revelou-se impotente para abordar o problema a fundo.

Tendo em vista que a Resposta dá provas de uma completa incompreensão dos argumentos da Plataforma, deformando-os e combatendo-os com a ajuda de sofismas, o Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro, tendo estudado essa tentativa de refutação, tornou novamente precisos vários pontos contestados; ao mesmo tempo, o grupo provou a insuficiência política e teórica da Resposta.

A exposição que se segue, intitulada “Resposta aos Confusionistas do Anarquismo” dedica-se ao exame da Resposta. Ela não se propõe, absolutamente, a completar ou ampliar a Plataforma; limita-se apenas a precisar algumas de suas teses.

Contudo, aproveitamos a ocasião para assinalar certos pontos à atenção dos camaradas que se interessam pela “Plataforma Organizacional”; cremos que, assim, contribuiremos para fazer com que se compreenda melhor seu sentido e seu espírito.

Adquirimos o hábito de atribuir o fracasso do movimento anarquista de 1917-1919 na Rússia à repressão estatista do partido bolchevique. Isso é um grande erro. A repressão bolchevique entravava a difusão do movimento anarquista durante a revolução, mas ela não constituía o único obstáculo. Foi mais a *impotência interna* do próprio movimento anarquista uma das principais causas desse fracasso, impotência

proveniente da indeterminação e da indecisão que caracterizavam suas principais posições políticas no plano organizativo e tático. (Esperamos demonstrar e desenvolver essa afirmação em um estudo especial, comprovando-a por fatos e documentos.)

O anarquismo não tinha uma posição firme e concreta sobre os principais problemas da revolução social, posição necessária para satisfazer as massas que criavam a revolução. Os anarquistas pregavam a ocupação das fábricas, mas não tinham uma concepção precisa e homogênea da nova produção e de sua estrutura. Os anarquistas defendiam o princípio comunista: “De cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades”, mas jamais se preocupavam em aplicar esse princípio à realidade. Permitiram, assim, a elementos suspeitos, transformar esse grande princípio em uma caricatura do anarquismo – lembremos apenas quantos escroques aproveitaram-se desse princípio para açambarcar bens da coletividade, em seu proveito pessoal, durante a revolução. Os anarquistas falavam muito da atividade revolucionária dos próprios trabalhadores, mas não puderam indicar a essas massas, ainda que de maneira aproximada, as formas que deveriam assumir essa atividade; não souberam regular as relações recíprocas entre as massas e seu centro ideológico. Excitaram as massas para sacudir o jugo da autoridade, mas não indicaram o meio de consolidar e defender as conquistas da revolução. Faltaram-lhes posições claras e programas de ação precisos em face de muitos outros problemas. Foi o que os afastou da atividade das massas e consagrou-os à impotência social e histórica. É aí que se deve buscar a causa primordial de seu fracasso na Revolução Russa. Para nós, anarquistas russos que vivenciamos a prova da revolução em 1905 e 1917, não há nisso a mínima dúvida.

A evidência da *impotência interna* do anarquismo levou-nos a buscar os meios que permitem triunfar sobre ela.

Mais de 20 anos de experiência, de atividade revolucionária, 20 anos de trabalho nas fileiras anarquistas; um trabalho que só conheceu os fracassos do anarquismo como *movimento organizativo*. Tudo isso me convenceu da necessidade de uma nova organização geral anarquista, na forma de um partido, embasada em uma teoria, uma política e uma tática homogêneas.

Tais são as premissas da “Plataforma Organizacional”. Se os militantes anarquistas de outros países – que não viveram a Revolução Russa, mas que a conhecem, ainda que um pouco – quiserem estudar atentamente o estado interno do movimento anarquista em seus países, não deixarão de perceber que a impotência interna que causou o fracasso do anarquismo na Revolução Russa reina igualmente

entre eles e constitui um perigo mortal para o movimento, sobretudo no momento da revolução. Compreenderão, então, de que importância é o passo à frente que constitui para o anarquismo essa “Plataforma Organizacional”, tanto do ponto de vista das ideias quanto do ponto de vista da organização e da construção revolucionária.

Compreenderão, então, que só a via traçada pela Plataforma será capaz de purificar e fortalecer o movimento anarquista entre as massas.

P. Arshinov

* * *

RÉPLICA À RESPOSTA DE ALGUNS ANARQUISTAS RUSSOS À PLATAFORMA

A “Resposta de Alguns Anarquistas Russos à Plataforma”, publicada no começo do mês de abril de 1927, é uma tentativa de criticar e refutar completamente a “Plataforma Organizacional”, publicada pelo Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro.

Os autores da Resposta afirmam estar em desacordo, não com certas ideias da Plataforma, mas com o conjunto desta. Dizem eles que é justamente “a Plataforma como tal [...], seus princípios de base, sua essência, seu próprio espírito” que não são aceitáveis; estimam que não é o anarquismo, mas o bolchevismo que nela se manifesta. Para eles, ainda, *a essência ideológica* é a mesma entre os bolcheviques e os “plataformistas”. Indubitavelmente, dizem eles, os autores da Plataforma estimam indispensáveis: a criação de um *centro político dirigente*, a organização de um *exército* e de uma *polícia* que se encontre à disposição desse centro, o que significa, no fundo, *a inauguração de uma autoridade política transitória de caráter estatista*. Pois bem, outras afirmações similares e tão estupeficantes estão espalhadas por toda a Resposta.

Creemos que tais asserções obrigam seus autores a fornecer provas suficientes antes de proclamá-las.

Com efeito, esse procedimento de afirmar sem provas pode produzir no movimento anarquista comportamentos desonestos; todo anarquista, no autêntico sentido da palavra, deve elevar-se resolutamente contra esse método.

No transcurso de nossa exposição, veremos em que medida os autores da Resposta provaram suas afirmações, e isso poderá nos informar quanto ao sentido e ao valor dessa Resposta.

Os autores começam por declarar que eles estão em “pleno desacordo com o grupo, com relação a várias teses fundamentais ou importantes da Plataforma”. Todavia, na realidade, esse desacordo diz respeito a todas as teses acerca das questões organizativas e de princípio da Plataforma. Para explicar sua divergência de ponto de vista, eles têm grande dificuldade; empregam muitos sofismas e puxam seus argumentos pelos cabelos. São forçados a isso, por sinal, porquanto eles são, a priori, hostis a toda a Plataforma, sem ter uma posição explícita própria sobre qualquer um dos problemas que são nela abordados. Nos daremos conta disso examinando suas principais objeções. Mas há mais: veremos, ao mesmo tempo, que os autores da Resposta, embora refutando alguns argumentos da Plataforma, com bastante frequência acabam por reproduzi-los, apropriando-se deles e colocando-os em oposição à Plataforma.

Façamos uma reserva: é a própria Plataforma que melhor responde às suas objeções, e o leitor nela encontrará uma posição precisa e clara em relação a todos os problemas abordados. Nós só nos deteremos sobre certos aspectos da Plataforma que os autores da Resposta buscaram refutar para tornar precisos o espírito e a corrente que os estimulam.

1. AS CAUSAS DA FRAQUEZA DO MOVIMENTO ANARQUISTA

A Plataforma vê a causa principal da fraqueza do movimento anarquista na ausência de elementos organizativos e de relações organizadas no seio do movimento, o que o conduz a um estado de “desorganização geral crônica”. A Plataforma acrescenta, ao mesmo tempo, que essa desorganização tem por base alguns problemas de ordem ideológica. Vemos esses problemas em toda uma série de princípios pequeno-burgueses que nada têm em comum com o anarquismo. A desorganização que reina em nossas fileiras alimenta-se da confusão ideológica. E, para superar essa desorganização prática e ideológica, a Plataforma proclama a ideia de criar uma organização geral embasada em um programa homogêneo. Desse modo, a Plataforma estabelece os fundamentos de uma organização geral dos anarquistas e cria uma homogeneidade ideológica. A organização coletivamente assim criada será bastante forte para libertar o anarquismo de suas contradições ideológicas, de seus problemas de organização, e para abrir caminho a

um movimento anarquista poderoso, reunido em torno de princípios homogêneos. Nós só vemos esse caminho para desenvolver e fortalecer o anarquismo entre as massas. A Plataforma assinalou que o método de reunir as diferentes correntes do anarquismo numa “família ternamente unida” não purificará o movimento anarquista; ao contrário, ele só o enfraquecerá e o confundirá.

Em suas críticas, os autores da Resposta rejeitam inteiramente a concepção das causas da fraqueza do movimento formuladas na Plataforma. Eles veem essas causas na “confusão de nossas ideias sobre várias questões fundamentais, por exemplo: a concepção de revolução social, de violência, de período de transição, de organização”. Por sinal, eles assinalam uma quantidade de outras questões sobre as quais todos os anarquistas não se puseram de acordo. A crer neles, dir-se-ia que os anarquistas não possuem posição comum sobre nenhum problema, e que é preciso, inicialmente, teorizar sobre tudo para abordar em seguida a questão de organização. Com frequência ouvimos essas ideias e essas promessas. E, em vez de ameaçar pela centésima vez que vão produzir um trabalho teórico aprofundado, não seria melhor se os autores da Resposta comessem essa tarefa, elaborando-a e opondo-a à Plataforma? Temos uma concepção completamente diferente dos princípios do anarquismo. Bem sabemos que existe um entendimento entre os anarquistas quanto às principais questões, tais como revolução social, violência, criação coletiva, ditadura, organização etc. Aqueles que permanecem até agora adversários da revolução social, da violência revolucionária e da organização, esses assim permanecerão para sempre, e seria demasiadamente ingênuo recomençar para eles a história do anarquismo. Ora um viria declarar-nos que não aceita a ideia da revolução social, ora um outro anunciar-nos-ia que é adversário da violência revolucionária, um terceiro declarar-se-ia descontente com a própria ideia do comunismo anarquista e um quarto proclamar-se-ia adversário da luta de classes. Bradar, em todos esses casos, que “os princípios do anarquismo” não são bastante precisos é, na realidade, não saber estabelecer uma teoria de conjuntos. Não tivemos Bakunin, Kropotkin e Malatesta que precisaram suficientemente os princípios do anarquismo? Houve, em diversos países, movimentos anarquistas que se basearam nesses princípios. Como se pode dizer que eles não são bastante claros?

É verdade que há muitos aspectos obscuros no anarquismo. Mas eles são de outra ordem, bem diferente. É que o movimento possui, ao lado de elementos incontestavelmente anarquistas, uma quantidade de tendências liberais e desvios individualistas que o impedem de ter uma base estável. Para purificar o movimento é

preciso libertar-se dessas tendências e desses desvios; mas essa purificação é, em grande medida, impedida justamente pelos individualistas francos ou disfarçados, que fazem parte do movimento (os autores da Resposta pertencem indubitavelmente a estes últimos).

2. A LUTA DE CLASSES NO SISTEMA ANARQUISTA

A Plataforma declara de maneira claríssima que “na história das sociedades humanas, foi sempre esta luta de classes o principal fator na determinação da forma e da estrutura destas sociedades”; que o anarquismo surgiu e desenvolveu-se no campo dessa luta, no seio da humanidade trabalhadora e oprimida; que ele é um *movimento* social das massas oprimidas; tentar considerá-lo como uma questão do conjunto da humanidade constitui uma mentira social e histórica. Na luta entre o capital e o trabalho, o anarquismo combate total e indivisivelmente ao lado deste último.

Os autores da Resposta opõem-se a esses termos claros e precisos, sustentando que “o anarquismo contém elementos de classe, assim como princípios humanistas e individualistas”.¹ Essa é a posição comum dos liberais, que temem apoiar-se nas verdades do trabalho, sem nunca pôr fim à sua hesitação ideológica entre burguesia e proletariado, e que buscam valores comuns à humanidade para estabelecer vínculos entre as classes em luta. Sabemos bem que a humanidade unitária e indivisível não existe, que as reivindicações do comunismo anarquista só se realizarão pela vontade da classe trabalhadora, e que a atividade de toda a humanidade, que inclui a burguesia, não terá nada a ver com isso. Assim, esse ponto de vista pregado pelos liberais, que não sabem posicionar-se na tragédia social mundial, não pode ter nada em comum com a luta de classes e, por consequência, com o anarquismo.

3. SOBRE A QUESTÃO DA ORIENTAÇÃO DAS MASSAS E DOS ACONTECIMENTOS NO CAMPO DAS IDEIAS

A Resposta polemiza mais com a ideia de uma direção autoritária *inventada por seus próprios autores*, do que com a ideia exposta na Plataforma. E, em geral, em toda a Resposta, seus autores esforçam-se para encontrar na enigmática Plataforma um sentido

¹ O texto original, que foi provavelmente escrito em russo, não está disponível. Na tradução ao francês esse trecho aparece como “l’anarchisme est une synthèse des éléments: de classe humanitaire et individuel” [o anarquismo é uma síntese dos elementos: de classe humanitária e individual], que não me parece fazer qualquer sentido. Prefiro adotar a tradução ao inglês, em que esse trecho – que, no contexto faz mais sentido – aparece como “anarchism contains class elements as well as humanism [humanist?] and individualist principles”. (N.E.)

dissimulado para, em seguida, pintar um quadro que poderia aterrorizar não apenas os anarquistas, mas, inclusive, alguns estatistas mais sentimentais. Assim, a influência no campo das ideias exercida pelos anarquistas sobre os sindicatos revolucionários é transformada por eles em subordinação desses sindicatos à organização anarquista; o método de uma estratégia militar revolucionária comum, aplicada pela defesa da revolução, torna-se, em sua interpretação, a ideia de um exército de Estado centralizado; a ideia de um comitê executivo da organização anarquista torna-se, em sua apresentação, aquela do comitê central ditador, que exige uma obediência sem questionamentos. Poder-se-ia pensar que os autores da Resposta são demasiado ignorantes para se perder na essência de todos esses problemas; mas não! Todas as deformações e alterações realizadas são feitas no mesmo sentido; mostraremos mais à frente com que objetivo nossos adversários simulam ficar apavorados com a expressão “orientação das massas e dos acontecimentos no campo das ideias”. Não se assemelham eles àqueles estranhos que, terrificados pela ideia da influência, temem eles próprios influenciar-se? A orientação das massas no campo das ideias significa simplesmente a existência de uma ideia norteadora em seu movimento. No mundo da luta e das reivindicações socialistas, essas ideias não são numerosas. Mas é natural que nós, anarquistas, desejemos que a ideia-guia dos trabalhadores seja a ideia anarquista e não, por exemplo, aquela dos socialdemocratas, que bem recentemente traíram o movimento revolucionário dos trabalhadores vienenses. Todavia, para que a ideia anarquista torne-se guia das massas, devemos desenvolver uma atividade ideológica bem organizada, o que, por sua vez, exige uma organização anarquista, cujos membros propagam ideias bem claras e coerentes entre as massas. Tudo isso é de tal modo elementar e evidente que é vergonhoso ter de repeti-lo em nossa época às pessoas que afirmam conhecer o anarquismo. Os autores da Resposta, por sinal, sabem muito bem disso, visto que, depois de terem deformado nosso ponto de vista e proferido diversos absurdos relativos à União Geral dos Anarquistas, terminaram por dizer que o papel dos anarquistas nas organizações econômicas é influenciar as massas moralmente e no campo das ideias, enquanto que aquele das organizações especificamente anarquistas é ajudá-las, inclusive, no campo das “ideias”. Mas, dizer isso, não equivale a tomar emprestadas as posições da Plataforma depois de tê-la caluniado? O que significa “influenciar e ajudar as massas no campo das ideias”? Os anarquistas vão ajudar ideologicamente uma multidão que esteja trabalhando para fazer um pogrom ou promovendo um linchamento? Toda assistência no campo das ideias levada às massas deve encontrar-se

em acordo com a ideologia do anarquismo; caso contrário, ela não é uma ajuda anarquista. “Assistir ideologicamente” quer dizer simplesmente: influenciar no campo das ideias, dirigir do ponto de vista das ideias. Bakunin, Kropotkin, Reclus, Malatesta – eis homens que eram indubitavelmente os dirigentes ideológicos das massas. Mas aspiramos a que essa direção, essa orientação, exercendo-se ocasionalmente, torne-se um fator permanente. E isso só será possível quando houver uma organização que tenha uma ideologia comum, e cujos membros desenvolvam uma atividade ideologicamente coordenada, sem desgarrar-se e dispersar-se como vem acontecendo até agora. É assim que a questão se coloca. E é em vão que os autores da Resposta inventam sofismas para demonstrar que a orientação no campo das ideias significa direção autoritária.

São as massas populares que farão a revolução, dizem nossos adversários. De acordo. Mas eles deveriam saber que a massa revolucionária forma sempre em seu seio uma minoria de iniciadores, aquela que precipita e orienta os acontecimentos. E temos o direito de afirmar que só os partidários do anarquismo operário constituirão essa minoria numa verdadeira revolução social.

4. A IDEIA DO PERÍODO DE TRANSIÇÃO

A Plataforma constata o que os partidos políticos socialistas compreendem sob essa expressão, “período de transição”; uma determinada fase na vida de um povo, cujos aspectos característicos são: a ruptura com a antiga ordem e a instauração de um novo sistema econômico e político – sistema que, todavia, ainda não contém em si a completa libertação dos trabalhadores. O comunismo anarquista, entretanto, rejeita os sistemas transitórios desse gênero. Ele é partidário de uma revolução social dos trabalhadores que estabelece o fundamento de sua sociedade livre e igualitária.

Segundo nos parece, o problema está colocado de modo muito claro. Mas os autores da Resposta encontram meios de descobrir na Plataforma precisamente o contrário. Para eles, a Plataforma é, em sua totalidade, “uma tentativa de promover essa ideia” (de período de transição) e enxertá-la no anarquismo. Eis as provas disso. A Plataforma prevê que, em certos momentos, a imprensa (ou melhor, os abusos desta) da classe hostil aos trabalhadores será reprimida pelo trabalho em luta. E os autores da Resposta insistem triunfantes: Isso é “um período de transição!” Em seguida, a Plataforma declara que o princípio comunista anarquista “de cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades” não impõe absolutamente aos trabalhadores revoltados o dever de alimentar todo mundo, inclusive seus inimigos

declarados que, por razões contrarrevolucionárias, se recusam a tomar parte na produção e sonham com o fim da revolução. Esse princípio significa simplesmente a igualdade na repartição, dentro dos limites da sociedade igualitária; ele não se estende absolutamente àqueles que se colocaram fora dessa sociedade por razões contrarrevolucionárias. Além do mais, esse princípio significa que cada membro da sociedade trabalhadora que se beneficia de seus serviços deve servi-la de acordo com suas forças e suas capacidades, e não segundo seus caprichos ou mesmo se abstando de dar sua contribuição. Os autores da Resposta questionam novamente se isso não é um período transitório. Eles defendem “a aplicação do princípio de fruição igual de todos os produtos disponíveis e recém-fabricados, independentemente de sua quantidade, por todos os membros da coletividade, sem exceção, restrição ou privilégio de qualquer espécie”. É verdade que não fica bem claro nessa fórmula se os trabalhadores revoltados devem alimentar a burguesia que não participa da produção e obstina-se em combatê-los. Entretanto, visto que essa fórmula opõe-se ao princípio do trabalho sustentado na Plataforma, deve-se concluir disso que os trabalhadores têm por dever sustentar a burguesia, mesmo sem ter a mínima vontade.

Não discutiremos esse ponto de vista. A própria classe trabalhadora resolverá essa questão praticamente no dia da revolução social. Contudo, acreditamos que ela não concederá grandes louvores aos autores da Resposta, em função dos ternos cuidados que eles dispensam à burguesia que se recusa a todo trabalho. Não seria melhor que os autores da Resposta encontrassem um meio para transformar os burgueses em honestos membros da sociedade trabalhadora, em vez de zelar por eles com todo esse empenho?

Mas a acrobacia mais emocionante dos autores da Resposta ainda está por vir. Depois de tê-los visto refutar todas as posições da Plataforma, depois de tê-los visto acusar seus autores de serem bolcheviques desavergonhados e seu projeto construtivo de ser uma transição política e econômica a um sistema de Estado – esperávamos vê-los apresentar um quadro audacioso da sociedade anarquista do dia seguinte à revolução, da sociedade na qual todos encontrariam a completa satisfação de suas necessidades e que nada teria em comum com aquela esboçada na Plataforma. Mas absolutamente não! Encontramos ali apenas uma confissão de que a obra criadora da revolução social “será um começo natural da formação de uma sociedade anarquista”. Ora, essa declaração foi tomada literalmente da Plataforma, que declara: “a vitória dos trabalhadores [...] será o *início da construção* da sociedade anarquista que, uma vez começada, seguirá ininterruptamente, fortalecendo-se e aperfeiçoando-se”. Na verdade, entre nossos

adversários, a metade direita de seu cérebro não sabe o que pensa e faz a metade esquerda.

5. O PROBLEMA DA PRODUÇÃO

Os autores da Resposta também não deixam de nos fazer objeções categóricas no problema da produção. É muito difícil ter uma ideia do que motiva suas objeções, bem como do que eles preconizam em sua exposição. A ideia de uma produção *unificada* e *coordenada* proclamada pela Plataforma não os contenta, assim como a ideia dos órgãos de direção da produção eleitos pelos trabalhadores. Eles veem na ideia da produção coordenada o fantasma da centralização e do estatismo, e opõem-lhe a ideia da produção descentralizada.

A ideia da produção unificada é clara: a Plataforma considera toda a indústria moderna como uma única e gigantesca oficina dos produtores, criada pelos esforços de várias gerações de trabalhadores e que pertence a todos em seu conjunto e a ninguém separadamente. Ramos particulares dessa produção estão inseparavelmente ligados uns aos outros e não podem produzir ou mesmo existir separadamente. A *unidade* dessa oficina é estabelecida pelos fatores técnicos. Mas só há uma produção unificada e coordenada que pode existir nessa fábrica gigantesca; uma produção executada segundo um plano conjunto, estabelecido pelas organizações de produção dos operários e dos camponeses, e que leva em conta as necessidades de toda a sociedade; os produtos dessa fábrica pertencem a toda a sociedade trabalhadora. Tal produção é verdadeiramente socialista.

É bem lamentável que os autores da Resposta não tenham explicado como eles concebem a produção descentralizada. Mas é possível supor que eles falam de várias produções independentes, de indústrias ou conglomerados isolados e, talvez, inclusive, de fábricas separadas, que produzem e dispõem dos produtos fabricados a seu bel-prazer. Os autores da Resposta declaram que a produção descentralizada terá como base os princípios federalistas. Todavia, porquanto as unidades federadas não serão outra coisa que pequenos empreendedores particulares (a saber: uniões dos operários de uma fábrica, de um conglomerado ou de uma indústria), a produção não será absolutamente socialista; ela será sempre capitalista, pois estará embasada na fragmentação da propriedade, o que não tardará a provocar concorrência e antagonismos.

6. A DEFESA DA REVOLUÇÃO

Estudando o problema da defesa da revolução, a Plataforma indica, inicialmente, que o meio mais eficaz de defender a revolução seria resolver radicalmente os problemas da produção, do abastecimento e da terra. Mas a Plataforma também previu que a solução desses problemas não deixará de provocar uma guerra civil encarniçada, na qual a classe dos exploradores esforçar-se-á para manter ou reconquistar seus privilégios. É completamente inevitável. A Plataforma indica, além do mais, que a classe atualmente no poder aplicará nessa guerra “os dois princípios fundamentais de toda ação militar: a unidade de plano de operações e a unidade de comando *comum*”. Ela acrescenta que os trabalhadores deverão, igualmente, recorrer a esses métodos de luta, e todas as unidades armadas que surgirão voluntariamente deverão constituir um exército único. Essa necessidade não torna impossível a luta independente dos destacamentos locais contra a contrarrevolução. Ela exige, no entanto, que um exército revolucionário operário e camponês oponha-se ao *front* geral da ofensiva contrarrevolucionária.

Para combater a contrarrevolução, os trabalhadores deverão possuir seu plano de operações unitário e seu comando comum; caso contrário, o inimigo os atacará nos locais mais fracos e inesperados.

Os fatos históricos são as melhores provas disso:

- a.) Todas as revoluções populares tiveram êxito, sobretudo, quando o exército cessava de servir cegamente as classes governantes para juntar-se aos revoltosos;
- b.) Durante a Revolução Russa, foram os movimentos populares que souberam unir suas forças armadas – importantes unidades às quais operações militares concernentes a toda uma região foram confiadas – aqueles que tiveram um sucesso apreciável. Tal foi o caso do movimento insurrecional animado por Makhno. Os grupos insurretos que não haviam compreendido essa necessidade pereceram diante do inimigo bem organizado. Houve centenas deles na Revolução Russa.
- c.) A contrarrevolução russa dirigida por Koltchak, Denikin, Iudenitch e outros deve sua derrota militar, principalmente, ao fato de não ter estabelecido a unidade de plano de operações e comando dos exércitos contrarrevolucionários: assim, enquanto Koltchak encontrava-se (em 1918) próximo a Kazan e dirigia-se a Moscou, Denikin permanecia no Cáucaso; mas foi apenas quando Koltchak foi “liquidado” (em 1919) que Denikin precipitou-se sobre Moscou. (Observação:

Não falamos aqui da guerra de partisans conduzida pelos camponeses contra Koltchak e Denikin, e que valeu a estes últimos uma derrota militar e social.)

O trabalho revolucionário insurreto durante a guerra civil deve saber empregar o método da unidade de plano de operações e de comando *comum* das forças revolucionárias armadas. Sem isso, os operários e os camponeses serão derrotados pelas forças contrarrevolucionárias bem familiarizadas com a arte militar. A Plataforma assinalou o quanto é necessário para os trabalhadores aplicar esse método, bem como criar um exército único, compreendendo todas as forças armadas das quais a revolução dispõe. É óbvio que a Plataforma não exige essa organização senão enquanto durar a guerra civil para combater a contrarrevolução. Encerrada essa guerra, o exército revolucionário não tem mais razão de ser e desaparecerá. A bem da verdade, todo o capítulo da Plataforma que trata da defesa da revolução só insiste na necessidade dos trabalhadores saberem aplicar o método de um plano de operações e de comando únicos. A Plataforma insiste, igualmente, no ponto de que esses métodos, bem como a ideia do exército revolucionário, não devem ser considerados senão como uma medida estratégica exigida pela guerra civil, e não como princípios anarquistas. Parece-nos que nenhuma mentalidade sã e honesta encontraria aqui razões para acusar a Plataforma de desenvolver a ideia de um exército permanente e centralizado. Mas os “sábios” da Resposta, contudo, conseguem isso. Acusam-nos, nem mais nem menos, de aspirar à criação de um exército centralizado colocado à disposição das organizações produtivas superiores dirigidas, por sua vez, pela união-partido. Cremos que os meios anarquistas são suficientemente clarividentes para compreender, por si mesmos, o quanto essa posição é absurda e incoerente. A Resposta não propõe qualquer solução concreta ao problema da defesa da revolução. Depois de terem proferido, segundo seu hábito, muitos dos mais variados insultos contra a Plataforma, seus autores põem-se a balbuciar algo sobre a união das forças armadas da revolução, copiando por isso mesmo a ideia da Plataforma e deformando-a como sempre.

Mas, é examinando a necessidade proclamada pela Plataforma de subordinar o exército revolucionário às organizações produtoras superiores dos trabalhadores, que os autores da Resposta revelam um espírito verdadeiramente profundo, uma verdadeira obra-prima de clarividência. E ousais afirmar, exclamam, que isso não é um período de transição? Por que razão a subordinação do exército revolucionário às organizações produtoras dos operários e camponeses torna-se um período de transição – eis um enigma impenetrável. As forças militares dos trabalhadores não se tornarão, em

absoluto, um objetivo em si mesmas; elas só serão um meio de realizar as formalidades da revolução operária e camponesa. Por consequência, é aos operários e aos camponeses que o exército deve estar subordinado, e é só por eles que ele deve ser politicamente dirigido. Segundo os autores da Resposta, o exército revolucionário, ou, então, os agrupamentos armados, não deverão obedecer a essas organizações; eles terão uma existência independente e combaterão a seu bel-prazer. Eis como as pessoas que têm a audácia de falar de coisas sobre as quais nunca refletiram chegam a condenar-se a si mesmas!

7. A ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA

Também nessa questão os autores da Resposta tratam, sobretudo, de deformar o sentido da Plataforma. Eles transformam de início a ideia do comitê executivo naquela de um comitê central do partido, um comitê que ordena, legisla e comanda. Todo homem, ao menos um pouco familiarizado com as coisas da política, sabe que um comitê executivo e um comitê central são duas noções completamente diferentes; o comitê executivo pode muito bem ser um órgão anarquista; com efeito, esse órgão existe em muitas organizações anarquistas e anarquistas-sindicalistas.

Ao passo que rejeitam a ideia de uma organização geral anarquista baseada em uma ideologia homogênea, os autores da Resposta pregam a ideia de uma organização sintética, na qual todas as correntes do anarquismo estão reunidas “numa única família”. Para preparar a constituição dessa organização, eles propõem criar, em cada país, um periódico que discutiria e estudaria, sob todos os pontos de vista, todas as questões que provocam controvérsias, e isso levaria a um entendimento entre os anarquistas.

Já definimos nossa posição em relação a essa ideia da síntese, e não repetiremos aqui nossos motivos. Apenas nos limitaremos a acrescentar que a existência de divergências de opiniões entre os anarquistas deve-se mais às diferenças essenciais que existem entre eles do que à falta de um periódico para discussão (que, por sinal, já existiu). Um órgão de discussão jamais chegará a aproximar as correntes divergentes, mas não deixará de confundir os espíritos na massa trabalhadora. Além do mais, todo um conjunto de indivíduos que dizem ser anarquistas nada tem em comum com o anarquismo. Reunir essas pessoas (e em que base?) “numa família” e denominar essa reunião “organização anarquista” seria não apenas insensato, mas absolutamente nocivo. Se isso acontecesse por uma infelicidade qualquer, toda possibilidade de desenvolvimento do anarquismo em um movimento social e revolucionário dos

trabalhadores seria abolida.

Não é a mistura universal, mas, ao contrário, a seleção das forças saudáveis anarquistas e sua organização em um partido anarquista-comunista que é indispensável ao movimento; não a síntese caótica, mas a *diferenciação* e o aprofundamento da ideia anarquista para conduzir a um programa homogêneo do movimento. Só essa via pode reforçar e fortalecer o movimento nas massas trabalhadoras.

Para concluir, algumas palavras sobre *os aspectos* éticos da Resposta. Na realidade, não é à Plataforma que essa Resposta dirige-se, mas a toda uma série de posições devida e previamente deformadas pelos autores da Resposta. Não há um único parágrafo que seja por eles respondido sem preâmbulos. Eles começam sempre buscando o sentido jesuítico oculto da posição e, após inventá-lo, dirigem-lhe suas objeções. A Plataforma transformou-se, em suas mãos, em um complô infernal contra o movimento anarquista e contra a classe trabalhadora. É assim que eles representam a concepção da Plataforma: “Bem acima, *o partido dirigente* (a União Geral dos Anarquistas); abaixo, as organizações operárias e camponesas superiores, dirigidas pela União; ainda mais abaixo, as organizações inferiores, os órgãos para combater a contrarrevolução, o exército etc.”. Em outra passagem, eles falam das instituições “de investigação e violência política”. Todo um quadro é pintado por eles; o quadro de um Estado policial, dirigido pela União Geral dos Anarquistas.

Podemos muito bem nos perguntar: Qual é a finalidade de recorrer a todas essas mentiras? Os autores da Resposta leram a Plataforma. Portanto, devem saber que a ideia da Plataforma resume-se à organização das forças anarquistas *para o período de luta contra a sociedade capitalista de classe*; seu objetivo é apenas a propaganda do anarquismo entre as massas e a direção ideológica de sua luta. A partir do momento que os trabalhadores vencerem a sociedade capitalista, abrir-se-á uma nova era em sua história; a era em que todas as funções sociais e econômicas passarão às mãos dos operários e dos camponeses, que iniciarão a criação da nova vida. As organizações anarquistas – e, com elas, a União Geral – perderão, nesse momento, toda a sua importância e deverão, segundo nosso ponto de vista, dissolver-se gradualmente nas organizações produtoras de operários e camponeses. A Plataforma contém toda uma parte construtiva que trata do papel dos operários e dos camponeses no dia seguinte à revolução. Em contrapartida, ela não diz nada do papel específico, nesse momento em questão, da União Universal dos Anarquistas. Não é por acaso, mas intencional, que eles não falam disso. É que toda a atividade política e econômica estará concentrada, em

nossa avaliação, nos órgãos de autoadministração dos trabalhadores: nos sindicatos, nos comitês de fábricas, nos conselhos etc.

Todavia, segundo os autores da Resposta, é só nesse momento que o papel do partido anarquista-comunista começa: situado em algum lugar acima, ele dirigirá as organizações operárias “superiores” e “inferiores”, o exército etc. Eis a sua maneira de tratar o documento que eles pretendem criticar e o leitor, a quem eles prometeram a verdade. A *irresponsabilidade* desses métodos não deixará de surpreender todo leitor com capacidade de reflexão no campo político.

Ao estudar as outras causas da fraqueza do movimento anarquista, os autores da Resposta assinalam: “o estado atual mental das massas, que não têm nem os meios nem o desejo de pesquisar, analisar, comparar, e que, por consequência, engajam-se, ainda e sempre, no caminho mais fácil, aquele da resistência mínima segundo as receitas ‘prontas’ preconizadas pelos demagogos de todas as nuances.”

Concluiremos a análise da Resposta com essas palavras extraordinárias enunciadas por seus autores. Palavras extraordinárias, pois demonstram a vaidade e a hipocrisia de seus discursos sobre a força criadora “das massas, sobre sua atividade autônoma, sobre o perigo funesto que apresenta para essa força a direção ideológica etc.”. Lendo a Resposta, tem-se a impressão de que as massas, além de incapazes de buscar os caminhos de sua libertação, não têm a menor vontade, e preferem seguir a linha da resistência mínima.

Se realmente estamos nessa condição, tudo vai mal no anarquismo. Porque, assim, as massas teriam de ser atraídas ao anarquismo pela força. Os autores da Resposta terminaram sendo levados a posições desse tipo, quando colocaram como objetivo refutar a Plataforma a qualquer preço, ainda que, para isso, tenha sido necessário refutar a lógica, os fatos e a própria vida.

Esperamos ter provado, na exposição precedente, que o programa dos autores da Resposta não tem qualquer fundamento e que eles são os espécimes típicos da incoerência política em nosso movimento. Quanto ao aspecto ético da Resposta, esta não pode ser designada de outra forma, senão como um documento de calúnia.

Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro

18 de agosto de 1927

*** Traduzido do francês ao português por Plínio Augusto Coêlho. Revisado por Felipe Corrêa.** As citações da Plataforma foram ajustadas à nova tradução ao português; as citações da Resposta, nos casos em que foram encontradas (não todos), também foram ajustadas, a partir do documento em inglês.